Curitiba, 6 de dezembro de 2018

NOTA À IMPRENSA

Custo da cesta básica aumenta na maior parte das capitais

Pelo segundo mês consecutivo, houve aumento no preço do conjunto de alimentos essenciais em 16 das 18 cidades onde o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) realiza a Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos. As altas mais expressivas foram registradas em Belo Horizonte (7,81%), São Luís (6,44%), Campo Grande (6,05%) e São Paulo (5,68%). As retrações aconteceram em Vitória (-2,65%) e Salvador (-0,26%).

A cesta mais cara foi a de São Paulo (R$ 471,37), seguida pela de Porto Alegre (R$ 463,09), Rio de Janeiro (R$ 460,24) e Florianópolis (R$ 454,87)[1]. Os menores valores médios foram observados em Salvador (R$ 330,17) e Natal (R$ 332,21).

Em 12 meses, os preços médios da cesta aumentaram em todas as cidades. As taxas oscilaram entre 1,22%, em Natal, e 15,50%, em Campo Grande. Em 2018, todas as capitais acumularam alta, com destaque para Campo Grande (14,89%), Brasília (13,44%) e Fortaleza (12,03%).

Com base na cesta mais cara, que, em novembro, foi a de São Paulo, e levando em consideração a determinação constitucional que estabelece que o salário mínimo deve ser suficiente para suprir as despesas de um trabalhador e da família dele com alimentação, moradia, saúde, educação, vestuário, higiene, transporte, lazer e previdência, o DIEESE estima mensalmente o valor do salário mínimo necessário. Em novembro de 2018, o salário mínimo necessário para a manutenção de uma família de quatro pessoas deveria equivaler a R$ 3.959,98, ou 4,15 vezes o salário mínimo nacional, de R$ 954,00. Em outubro, tinha sido estimado em R$ 3.783,39, ou 3,97 vezes o piso mínimo do país. Em novembro de 2017, o mínimo necessário era equivalente a R$ 3.731,39, ou 3,98 vezes o salário mínimo nacional daquele ano, correspondente a R$ 937,00.

1 O decreto lei 399 de 30 de abril de 1938 estipula as quantidades da cesta e diferencia as quantidades e produtos por grupos de região, conforme a metodologia da cesta, disponível em https://www.dieese.org.br/metodologia/metodologiaCestaBasica 2016.pdf.

TABELA 1
Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos
Custo e variação da cesta básica em 18 capitais
Brasil – novembro de 2018

Capital	Valor da cesta	Variação mensal (%)	Porcentagem do Salário Mínimo Líquido	Tempo de trabalho	Variação no ano (%)	Variação em 12 meses (%)
São Paulo	471,37	5,68	53,71	108h42m	11,08	11,37
Porto Alegre	463,09	2,93	52,76	106h47m	8,52	4,26
Rio de Janeiro	460,24	3,73	52,44	106h08m	9,92	12,98
Florianópolis	454,87	1,00	51,83	104h54m	8,66	9,61
Brasília	430,82	5,45	49,09	99h21m	13,44	13,22
Campo Grande	420,80	6,05	47,94	97h02m	14,89	15,50
Curitiba	**416,41**	**2,46**	**47,44**	**96h02m**	**11,06**	**9,22**
Fortaleza	411,66	4,64	46,90	94h56m	12,03	13,12
Vitória	408,55	-2,65	46,55	94h13m	6,06	5,32
Belo Horizonte	401,90	7,81	45,79	92h41m	11,14	11,73
Belém	372,24	2,91	42,41	85h50m	4,37	3,76
Goiânia	368,06	2,89	41,94	84h53m	2,04	1,69
São Luís	354,83	6,44	40,43	81h50m	6,20	6,51
Aracaju	349,76	2,12	39,85	80h40m	2,86	2,54
João Pessoa	339,39	1,58	38,67	78h16m	3,00	4,46
Recife	333,50	1,00	38,00	76h55m	0,41	1,72
Natal	332,21	0,70	37,85	76h37m	0,31	1,22
Salvador	330,17	-0,26	37,62	76h08m	4,27	4,49

Fonte: DIEESE
Obs.: Em setembro de 2018, deixamos de calcular a cesta em Manaus e Cuiabá

Cesta básica x salário mínimo

Em novembro de 2018, o tempo médio necessário para adquirir os produtos da cesta básica foi de 91 horas e 13 minutos. Em outubro de 2018, ficou em 88 horas e 30 minutos, e, em novembro de 2017, em 85 horas e 58 minutos.

Quando se compara o custo da cesta e o salário mínimo líquido, ou seja, após o desconto referente à Previdência Social, verifica-se que o trabalhador remunerado pelo piso nacional comprometeu, em novembro, 45,07% do salário mínimo líquido para adquirir os mesmos produtos que, em outubro, demandavam 43,73% e, em novembro de 2017, 42,47%.

Comportamento dos preços[2]

Entre outubro e novembro de 2018, os preços do tomate, batata (coletada na região Centro-Sul), óleo de soja, pão francês e carne bovina de primeira apresentaram alta na maior parte das capitais pesquisadas, enquanto o leite integral teve o preço médio reduzido.

Os valores do tomate subiram em quase todas as cidades, exceto em Vitória (-9,79%). As taxas positivas variaram entre 1,07%, em Natal, e 59,85%, em Campo Grande. Em 12 meses, o produto apresentou alta em todas as capitais: em Florianópolis, a variação mensal foi de 132,01%; em Brasília, ficou em 116,93%; no Rio de Janeiro, foi de 115,10%; em Belo Horizonte, 107,32% e, em Fortaleza, 96,21%. O menor aumento foi registrado em Vitória, 13,82%. A baixa oferta do fruto, devido à chuva e às mudanças de temperatura, foi responsável pela elevação do preço.

A batata, pesquisada no Centro-Sul, apresentou alta em quase todas as cidades, exceto em Goiânia (-7,51%). Destacaram-se os aumentos registrados em Brasília (45,70%), Campo Grande (39,16%), Belo Horizonte (25,86%) e Florianópolis (20,00%). Em 12 meses, oito cidades tiveram redução no preço médio e apenas Florianópolis (31,25%) e Brasília (3,83%) apresentaram alta. As quedas variaram entre -23,57%, em Curitiba e -3,95%, em Belo Horizonte. A chuva e o final da safra foram os causadores das elevações de preço da batata no varejo.

Houve aumento no preço médio do óleo de soja em 13 municípios pesquisados, com destaque para Goiânia (8,79%), Natal (3,24%) e Recife (3,09%). As diminuições mais intensas ocorreram em Vitória (-2,42%) e Florianópolis (-1,11%). Em 12 meses, 12 capitais tiveram alta acumulada, que variaram entre 0,28%, em Salvador, e 11,24%, em Goiânia. As quedas mais expressivas foram as de Florianópolis (-5,53%) e Aracaju (-4,44%). O aumento da procura pelo item, para produção de biodiesel, reduziu a oferta no varejo e os preços se elevaram.

O quilo do pão francês aumentou em 11 capitais. As maiores elevações foram verificadas em Belo Horizonte (2,94%) e João Pessoa (2,16%). Em outras sete cidades, o preço diminuiu, com destaque para Goiânia (-3,14%) e Vitória (-3,08%). Em 12 meses, o

2 Fontes de consulta: Cepea - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP, Unifeijão, Conab - Companhia Nacional de Abastecimento, Embrapa, Agrolink, Globo Rural, artigos diversos em jornais e revistas.

pão registrou alta em 16 cidades, com taxas entre 4,57%, em Aracaju, e 15,14%, em Campo Grande. As retrações ocorreram em Goiânia (-0,83%) e Salvador (-0,22%). A elevação do preço do trigo nos últimos meses, com crescimento da importação do grão, teve impacto no valor médio do produto no varejo, ainda em novembro.

Entre outubro e novembro, o quilo da carne bovina de primeira aumentou em 11 cidades e diminuiu em sete. As maiores altas foram registradas em Belo Horizonte (4,56%), Goiânia (3,25%) e Recife (2,85%). A queda mais intensa foi a de Florianópolis (-2,17%). Em 12 meses, o valor médio da carne subiu em 16 cidades - com destaque para Campo Grande (13,10%); e diminuiu em duas: Florianópolis (-3,46%) e Belém (-1,71%). Maior exportação e necessidade de compra de carne por parte dos frigoríficos, negociada a preços maiores, explicam a alta no varejo.

Em novembro, o preço do litro do leite integral apresentou queda de valor em 16 capitais, com variações entre -8,74%, em Campo Grande, e -1,64%, em João Pessoa. O preço médio não variou em Belém e aumentou em Aracaju (1,52%). Em 12 meses, houve alta em todas as capitais, entre 4,79%, em Porto Alegre, e 26,15%, em Vitória. O aumento da oferta, devido à melhora nas pastagens, reduziu o preço no varejo.

Curitiba

Em novembro de 2018, a Cesta Básica de Curitiba calculada pelo DIEESE apresentou variação de 2,46%, sendo a sexta menor alta entre as dezesseis capitais que tiveram elevação de preços, passando de R$ 406,42 para R$ 416,41. Deste modo, a capital paranaense teve o sétimo maior valor entre as capitais pesquisadas. Em 12 meses (comparação de novembro de 2018 com novembro de 2017), a variação foi de 9,22% e no ano de 2018 (janeiro a novembro) acumula alta de 11,08%.

O custo da ração alimentar essencial mínima para uma família curitibana (1 casal e 2 crianças), foi de R$ 1.249,23 (hum mil duzentos e quarenta e nove reais e vinte e três centavos) sendo necessário 1,31 salários mínimos somente para satisfazer as necessidades do trabalhador e sua família com alimentação no mês de novembro de 2018. A cesta básica teve um custo mensal de R$ 416,41, tendo um custo diário de R$ 13,88.

Em novembro de 2018, o trabalhador curitibano remunerado pelo salário mínimo comprometeu 96 horas e 02 minutos de sua jornada mensal para adquirir os gêneros essenciais, tempo inferior às 93 horas e 43 minutos exigidas em outubro de 2018. Quando se compara o custo da cesta e o salário mínimo líquido, ou seja, após o desconto referente à Previdência Social, a relação passou de 46,31% em outubro de 2018 para 47,44% em novembro de 2018.

No acumulado do ano, a cesta básica de Curitiba apresenta uma variação de 11,06% sendo o sexto maior aumento entre as dezoito capitais que tiveram elevação de preços. Na comparação anual (mesmo mês do ano anterior), a cesta básica de Curitiba teve alta de 9,22%, sendo a oitava maior alta entre as dezoito capitais que tiveram aumento.

Dos 13 produtos pesquisados, sete registraram aumento em novembro de 2018 em relação a outubro de 2018: o tomate (24,24%), a batata (7,54%), o feijão preto (3,17%), o açúcar (1,87%), a farinha de trigo (1,54%), a carne (1,23%) e o óleo de soja (0,77%). Por outro lado, seis itens tiveram redução: a banana (-9,07%), o leite (-4,39%), o arroz (-1,57%), a manteiga (-1,04%), o pão francês (-0,68%) e o café (-0,47%).

Em 12 meses, sete produtos apresentam aumento: o tomate (70,42%), o leite (22,59%), a farinha de trigo (18,62%), o pão francês (7,03%), a carne (5,13%), a manteiga (3,86%) e o óleo de soja (1,80%). Por outro lado, seis produtos acumularam queda: a batata (-23,57%), o açúcar (-9,92%), a banana (-5,68%), o café (-4,70%), o arroz (-1,57%) e a banana (-0,74%).